

JORNALISTAS NO TEATRO

(CONCLUSÃO)



Um contributo para a afirmação cultural

● **TODOS PASSARAM OU ESTÃO NA «TEMPO»**

TEXTO DE PAULO SÉRGIO ● FOTOS DE ARQUIVO

Vinculados ao jornalismo e à arte e cultura, Bartolomeu Tomé, Fernando Manuel, Edérito Armindo e Sérgio Tique são alguns daqueles que entre nós contribuem para a afirmação cultural do nosso país. Aqui falam de si e sugerem que os profissionais

de informação ainda têm muito a dar na catalisação da produção cultural. O presente trabalho conclui a abordagem sobre jornalistas no teatro, feita na edição anterior desta revista.

«A Revolta da Casa dos Idolos»: Uma obra teatral na qual Bartolomeu Tomé foi actor com o espectro que nos mostra a foto. (Foto: Sérgio Santimano)



Ligado ao teatro e ao cinema, no qual vimo-lo já como um dos actores principais do filme «Safari», realizado pelo austriaco Wilhem Pevny, Bartolomeu Tomé, 30 anos, refere que «o jornalismo é uma profissão que sempre me apaixonou. Experimentei-a em 1978 e optei pela revista «Tempo», onde ingressei como repórter após um concurso para o efeito realizado. Foi pois por um acaso feliz que me tornei jornalista; nem sequer sonhava em algum dia vir a sê-lo, visto que na etapa histórica em que isso acontece registavam-se mudanças sociais profundas e as pessoas que possuíam instrução eram chamadas a cumprir tarefas de reconstrução nacional que o Governo e o Partido priorizavam — o que influenciou a escolha e o destino profissional de muitos que na altura eram estudantes como eu».

Tendo trabalhado também no jornal «Diário de Moçambique» (ex-Notícias da Beira), na altura da sua fundação em 1981, Bartolomeu Tomé esteve na «Tempo» até 1984, ano em que vai para a Televisão Experimental. Daqui partiu em finais do ano passado

para vincular-se à revista especializada no ramo dos transportes e comunicações «Corredor».

A militância de Bartolomeu Tomé no nosso movimento artístico e cultural começou em 1983 entre amigos e então colegas da escola que, como afirma «estavam já envolvidos na prossecução daquilo

que viria a ser a animação teatral que nos últimos anos tem vindo a sofrer uma evolução». O surgimento daquele jornalista como actor de teatro não foi fácil: não havia peças de teatro escritas e nem sequer uma dramaturgia que se adequasse à encenação de temas moçambicanos. Assim, como revela, Bartolomeu Tomé, «a necessidade de se escrever uma peça que fosse alternativa à procura de um tema originalmente nacional impôs-se. Fez-se «Xiluva» — uma produção cénica que foi apresentada pelo «Tchova Xita Duma», grupo teatral ao qual aquele cidadão está vinculado.

No teatro, Bartolomeu Tomé diz que descobriu que «há uma grande complementaridade de funções entre o acto de representar e o acto de comunicar através da escrita nos jornais», acrescentando que «se bem que no teatro se esteja num contacto directo com o público receptor da mensagem que se transmite e logo se avalia o efeito que provoca, e no jornalismo escrevemos enclausurados numa redacção e tenhamos que nos colocar no lugar da pessoa que vai ler uma dada mensagem por nós escrita, entre o teatro e o jornalismo existe uma semelhança que é imposta pela ânsia de comunicar através da palavra por um lado dita e gestual e debaixo dum cenário, e, por outro, impressa e informativa».

Para Bartolomeu Tomé, a par-

bartolomeu tome (à direita) numa cena da peça teatral «A Prostituta Respeitosa», exibida em 1985. (foto: Kok Nam)



ticipação nas filmagens de «Safari», que versa questões político-sociais e económicas do nosso país, em particular, e da região austral africana em geral, «foi uma experiência interessante» que se junta àquela que obteve quando esteve ligado à produção informativa audiovisual na nossa televisão experimental, onde se familiarizou com técnicas e formas de trabalho que se aproximam às do cinema. No entanto, como anota aquele jornalista e homem de teatro, «como actor de cinema ainda é cedo para afirmar-se com a minha participação no elenco do filme «Safari» terei dado um salto artístico do teatro para o cinema. Creio que isso caberá ao público verificar!».

Sustentando a opinião de que «o cinema moçambicano está à procura de uma expressão própria, estando para isso a voltar-se com insistência ao passado para registar factos históricos e a reportar a realidade presente modelando gradativamente a sua originalidade filmográfica», Bartolomeu Tomé observa que «as pessoas que têm tido a sorte de representar o testemunho do que se viveu e se vive no nosso país no cinema, têm sabido corresponder aos padrões exigidos na arte de representar ou fazer cinema, o que atesta o talento e as qualidades artísticas dessas pessoas que na sua maioria são artistas e actores amadores seleccionados em grupos de teatro e noutras áreas de acção artística e cultural entre nós».

Como jornalista agora afecto à revista especializada em transporte, «Corredor», Bartolomeu Tomé advoga que «a existência de edições especializadas como a «Corredor» revela a preocupação que os profissionais de informação possuem em se especializarem em áreas específicas da economia, arte e cultura e até da vida político-social para abordarem de forma informativa, mais séria e didáctica, os aspectos inerentes ao seu trabalho jornalístico».

PELO JORNALISMO E ARTE MAIS RESPONSÁVEIS

Jornalista da «Tempo» desde 1981 e baptizado como actor de

teatro na peça humorística «Cama Para Quatro», Fernando Manuel, 35 anos, antes de se ter ligado à informação trabalhou durante cinco anos na PETROMOC. A sua mudança de funções de um departamento comercial para as de um órgão de informação tem muito a ver com o desejo de, como afirma, «desempenhar um trabalho mais criativo e sobre o qual eu pudesse-me sentir profundamente responsável quando estivesse a fazê-lo, por razões inerentes à qualidade profissional exigida».

A integração de Fernando Manuel na revista «Tempo» contou, por um lado, com o apoio dado por jornalistas de gabarito que já não estão na «Tempo» e, por outro lado, com a sorte que teve de

tação dos conhecimentos que o professor transmite de acordo com um programa pré-estabelecido. Como jornalista, havendo técnicas que se têm de tomar a sério a realidade é, no entanto diferente. O campo de acção é flexível; permite maior abordagem dos factos pois as técnicas existentes não colocam limitantes que, no seu trabalho, o professor enfrenta. A desvantagem do jornalista reside no facto de ele não poder avaliar de imediato o impacto que a sua acção provoca perante as pessoas».

Fernando Manuel, jornalista e actor de teatro mas também aficionado de artes e letras, escreve contos e poesia «muito antes de ter ido para o jornalismo», diz,

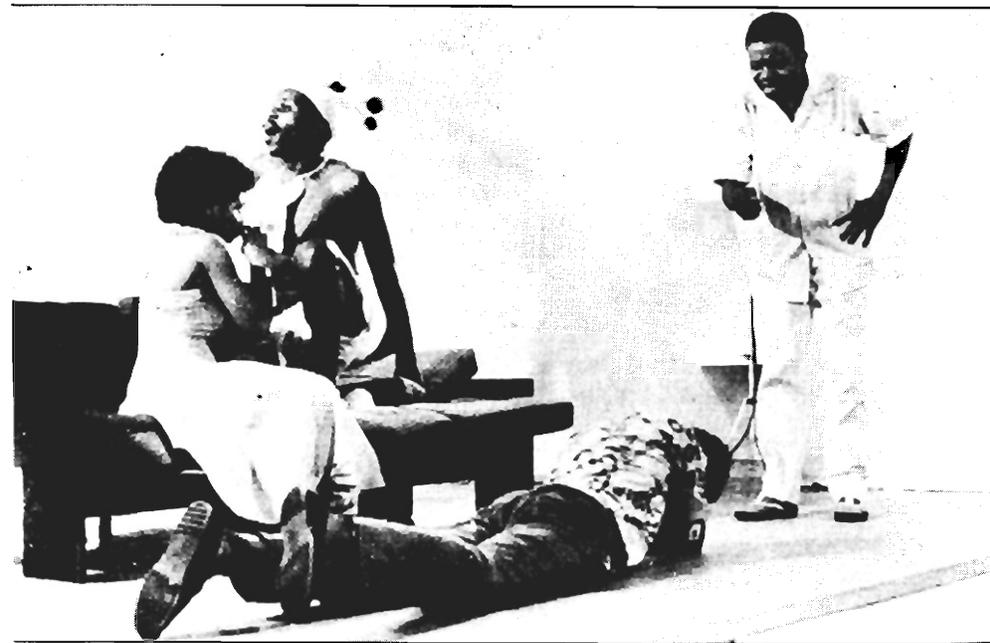


Fernando Manuel: «O facto de ter feito teatro, para já saldou-se numa experiência pessoal gratificante». (Foto: Kok Nam)

muito depressa se ter familiarizado com o jornalismo através de um curso que frequentou no Gabinete de Comunicação Social, o qual ele considerou de «extremamente útil» pelo propósito profissional que se revestiu.

Tendo sido professor secundário nocturno, Fernando Manuel anota que tanto o professor como o jornalista informam, comunicam e educam. Porém, assinala que «não é fácil estabelecer um paralelismo entre estar-se ligado ao professorado e fazer jornalismo porque como docente, numa sala tem-se pela frente alunos cujos perfis são conhecidos e que permitem avaliar o grau de cap-

adiantando que «escrevo para dar voz a uma série de sentimentos que tenho mas que não posso transmitir doutra forma senão a literária» porque, por exemplo, os seus poemas são ideias que não eram e nem são fáceis de abordar em conversas com amigos, mas que tinham de ser extravazadas pela via da poesia. A maioria das coisas escritas por Fernando Manuel datam de 1974 e 1975 e ninguém as conhece porque como refere aquele jornalista, «primordialmente escrevo para mim próprio visto que a necessidade do acto da escrita transcende-me» todavia, coloquemos no futuro a possibilidade da publicação do tudo quanto ele escreveu!



Na peça «Cama Para Quatro», vendo-se Fernando Manuel dominando o cenário. (Foto: Jorge Tomé)

Do teatro, no qual se estreou como actor nos começos do ano corrente junto do «Tchova Xita Duma», Fernando Manuel informa-me que foi para ele parar com o «interesse inicial de fazer um trabalho jornalístico no sentido de valorizar a actividade dos grupos que fazem teatro entre nós. Assim, explica, «foi na perspectiva de conhecer melhor o teatro por dentro que aceitei o convite formulado por José Pinto de Sá no sentido de integrar o elenco que interpretou a peça «Cama Para Quatro» porque isso possibilitar-me-ia fazer um trabalho mais sólido. O facto de ter feito teatro, para já saldou-se numa experiência pessoal gratificante». Para Fernando Manuel que diz ter já abertos os horizontes sobre o que é fazer teatro e sobre os labirintos pelos os quais tem de passar até chegar ao público.

Jornalista, actor de teatro e escritor em potência e, mais recentemente, tituiar da rubrica de crónica «Chá das Sextas» da revista «Tempo», Fernando Manuel aponta que tanto a sua vida profissional como artística «traz a minha intenção de participar de alguma forma mais activa na análise crítica dos problemas que se põem no nosso dia-a-dia a vários níveis da vida das pessoas, da vida das instituições profissionais, governamentais, etc., numa

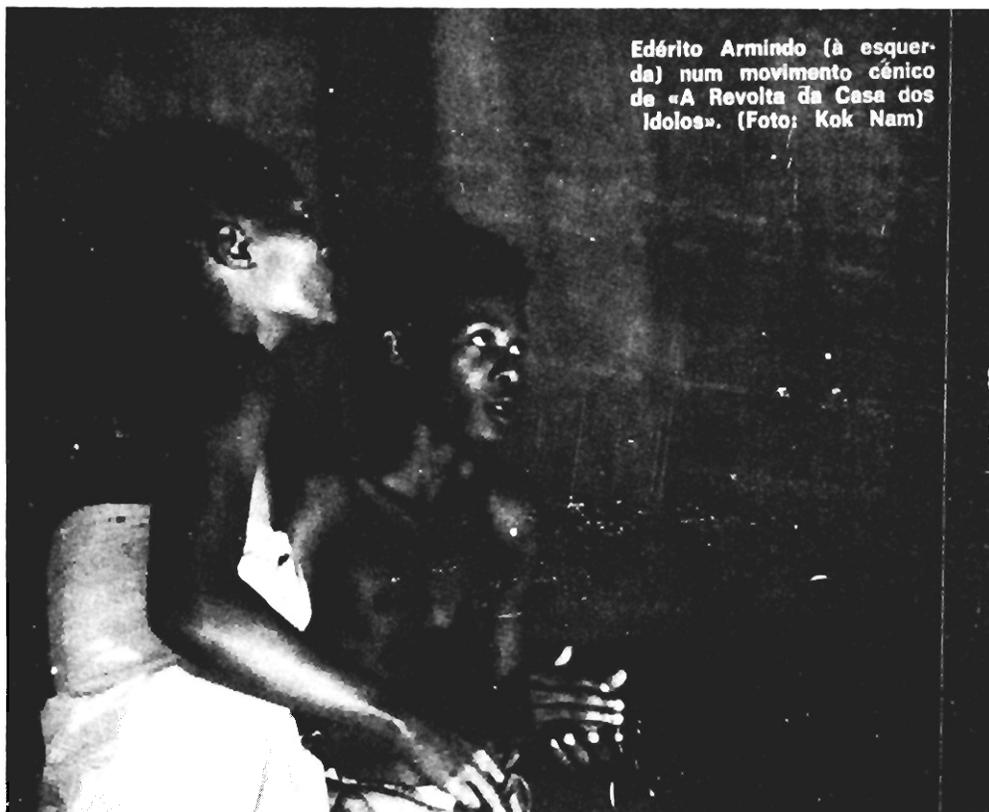
perspectiva de quanto mais a gente estiver envolvida na resolução dos problemas melhor ainda!».

DO VÍDEO AO TEATRO A PRODUZIR COMUNICAÇÃO

Edérito Armindo, 28 anos, documentalista da «Tempo», entre 1980 e 1982 apoiando a Redacção com materiais necessários à elaboração de informação, é um dos que produz teatro junto do «Tcho-

va Xita Duma». Também experimentado na realização de filmes para crianças feitos pelo Instituto Nacional de Cinema onde trabalhou com Ana Fresu e Merdes de Oliveira do «Cicri» Edérito Armindo passou em 1983 pela televisão experimental onde se habilitou na operação de vídeo tendo, no entanto, materializado algumas das suas aspirações como homem de cinema e televisão no Gabinete de Comunicação Social na produção de informação audiovisual no âmbito de um projecto de informação rural. Assim, segundo aquele profissional de informação, «dado que viagens ao campo eram uma prática constante, obtive um conhecimento substancial sobre a realidade dos camponeses que eu e os meus colegas tínhamos de filmar para vídeo». Com efeito algumas das realizações de vídeo mostram-nos não apenas filmes para crianças como por exemplo «O grande circo», «O pente» e «O fotógrafo» entre outros títulos como reportam problemas sérios das crianças marginalizadas, as actividades agrícola, cooperativa e operária, apresentados já via programa «Canal Zero» da televisão experimental moçambicana.

O teatro para Edérito Armindo começou a ser objecto de interes-



Edérito Armindo (à esquerda) num movimento cénico de «A Revolta da Casa dos Idolos». (Foto: Kok Nam)



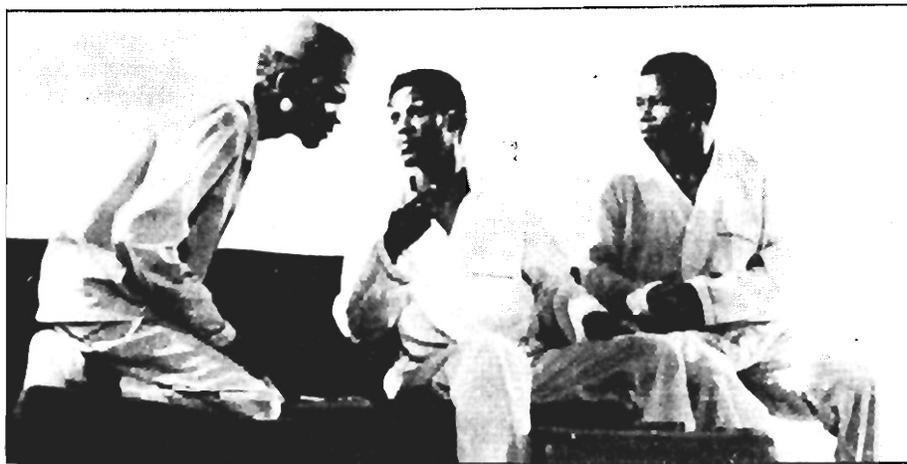
Uma imagem do lançamento de «Otheya-1» de Sérgio Tique. (Foto: Jorge Tomé)

se artístico o quase absoluto há pouco mais de três anos atrás. Como anuncia, «faço teatro na ânsia de gozar uma sensação sempre nova e viver um tema cénico de maneira diferente». Dando o exemplo da peça «A Boa Pessoa de Sezuan», na qual desempenhou o papel de «avô» em 1986, tendo tido que interiorizar a imagem e o pêndulo psicológico e moral de

uma figura idosa e quase carismática entre as pessoas, Edérito Armindo afirma que «o papel teórico imposto pela personagem «inquilino» em «Cama Para Quatro» deu-me o ímpeto de querer fazer mais do que aquilo que realmente consegui fazer talvez porque simpatizasse com a pessoa do «inquilino» na peça».

Estando ligado ao teatro in-

em saraus culturais, Edérito Armindo considera que, tal como no jornalismo, «a execução de um trabalho que canalize eficazmente uma comunicação depende do estado de espírito de quem o faz. No caso do teatro, por exemplo, a falta de motivação e o mal-estar de um actor podem levar à desvalorização da encenação em termos de expressão cénica. Numa



«Cama Para Quatro»: Edérito Armindo (no meio) no desempenho do papel de «inquilino». (Foto: Jorge Tomé)

fantil e sendo defensor da ideia de recrear as pessoas pela via de debates sobre arte e cultura, montagem e visitas de estudo a exposições de arte e participação

peça, o talento de quem interpreta é importante. Mas o condão psico-afectivo que cada actor confere ao papel que lhe cabe é indispensável, porque enriquece o

Sérgio Tique, no teatro, exercendo o papel de «avô» em «Cama Para Quatro» do grupo «Tchova Xita Duma». (Foto: Jorge Tomé)



conteúdo do texto encenado, que o público, pagando bilhete, sempre se dispõe a 'consumir'.

HUMOR TEATRO E GRÁFICA JUNTOS COMO ARTE

Sérgio Tique, 27 anos, humorista que se está consagrando com a publicação de «Otheya», actor de teatro no «Tchova Xita Duma» e, sobretudo, desenhador e maquetista da revista «Tempo», ajuíza que «o facto de estar ligado a um órgão de informação como a «Tempo», em tanto que maquetista, tem algo de especial porque não é monótono. Não é rotineiro. Pois cada revista feita, é o resultado de um desafio pela criatividade gráfica. É, no fundo, a realização do jornalismo no plano gráfico uma vez que os textos e as fotografias têm de estar arrumados nas páginas da revista de forma que sejam, à partida, comunicação de boa apresentação perante os leitores».

Com prática de jornalismo de rácio fomentada a partir de 1977 em Pemba, Cabo Delgado, na transmissão do programa «Juventude e Revolução», e reforçada entre os anos 1981 e 1985 na produção e emissão nos estúdios da Rádio Moçambique, em Maputo, do programa «Magazine da Juventude»,

Sérgio Tique avalia que «a vivência no jornalismo radiofónico foi interessantíssima porque embora eu e os meus colegas da realização do «Magazine» não tivéssemos quem nos orientasse na elaboração de notícias e apontamentos para a locução, sonorização e montagem dos assuntos, abordava-se tudo quanto preocupasse aos jovens, desde a política à música». O mérito do «Magazine da Juventude» recaía no facto de ter um grande auditório e de reportar os problemas sócio-culturais do país, sob uma visão própria dos jovens que tinham a consciência de que só com o estudo, trabalho e patriotismo o nosso país pode progredir e oferecer aos jovens a alegria e a prosperidade com que sonham.

Embora Sérgio Tique tenha dito que «nunca fui muito dado ao teatro», frisou de seguida que «até um certo ponto o teatro representa a concretização de um sonho antigo que eu tenho em ser actor». A peça «Cama Para Quatro», na qual personifica um «avô», constituiu a sua aparição para o mundo do teatro. E, como ele próprio verifica, «o efeito imediato da minha entrada para o teatro foi o despertar do meu intelecto porque me vi impellido a despir o ego e a assumir o de outrém que tinha

de estar às vistas do público. Consegui isso após uma grande ginástica e malabarismo psicológico e sentimental!».

Como actor Sérgio Tique já pertenceu ao elenco de personagens que criaram temas ou histórias para vídeos exibidos no programa «Carrocel» da televisão experimental e já contracenou em trechos de vídeos publicitários produzidos pela Kanemo-Produção e Cinema.

Aquele jovem apostou em ir editando junto da Tempográfica colectâneas de anedotas e humor gráfico em cadernos intitulados «Otheya» ou seja «Rir», à semelhança do que aconteceu com o «Otheya-1» que foi publicado em finais do ano passado em Maputo. Segundo Sérgio Tique «o material de humor para editar um livro se integra no nosso meio sócio-cultural. Penso que a sua publicação ajuda a todos nós a ter um quê de autocritica e a rirmos-nos de situações ridículas que provocamos e nas que nos vemos metidos». São pois situações que em cada edição da «Tempo» vemos denunciadas através da caricatura, do desenho, do grafismo e da anedota!

□